

# PROFESSORA CONFIDENTE: UMA IMAGEM POSSÍVEL EM VALÉRIA, VALÉRIA

Alleid Ribeiro Machado<sup>1</sup>

## RESUMO

Em uma espécie de romance de confidencialidades, Júlia Nery, autora portuguesa contemporânea, mostra-nos a amizade possível entre uma professora do ensino secundário e uma aluna, de nome Valéria. O cerne da narrativa são as páginas do caderno de anotações da jovem, que é oferecido por Valéria à professora, para a escrita de um romance. O trabalho, portanto, procurará apresentar a imagem dessa professora que aparece como narradora do romance *Valéria, Valéria*, em uma Lisboa dos anos 90.

**Palavras-chave:** imagem de professora na literatura; romance português contemporâneo; autoria feminina.

## ABSTRACT

In a kind of romance of confessions, Júlia Nery, a contemporary Portuguese writer, reveals us the possible friendship between a high school teacher and one of her students, namely, Valéria. The pages of the young's diary are the narrative core, which is offered by Valéria to the teacher, in order to be used in the writing of a novel. The essay will consider, therefore, the image of this teacher who appears as the narrator of the novel "Valéria, Valéria", within the Lisbon of the 90s.

**Keywords:** teacher image in the literature; contemporary Portuguese romance; female authorship.

Em uma espécie de romance de confidencialidades, Júlia Nery, autora portuguesa contemporânea, mostra-nos a amizade possível entre uma professora do ensino secundário e uma aluna, de nome Valéria.

À época da escrita do livro, Júlia Nery era professora de língua e literatura na Escola Secundária de Cascais, além disso, dava regularmente cursos e oficinas de escrita criativa para professores (MACHADO, 2006). Em um encontro informal que tivemos com a autora, em Cascais, no ano de 2009, Júlia Nery nos relatou o grande

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutora pela USP, realiza atualmente pesquisa de Pós-Doutoramento na mesma Universidade na área de Literatura Portuguesa.

carinho que sempre nutriu pelo magistério – fruto de inspiração para a escrita de, pelo menos, três de seus doze livros já publicados: *Na casa da língua moram as palavras* (1993), *O plantador de naus a haver* (Prêmio Eça de Queirós de Literatura de 1994) e *Valéria, Valéria* (1998).

No caso de *Valéria, Valéria*, a autora teve por base e inspiração para a construção da narrativa, muitos professores e alunos que conheceu. A vivência como educadora e como professora aparece refletida e se mistura às histórias que vivenciou “de oitiva”, mas que pouco a pouco foram lhe dando material e substância para a escrita do romance.

Além disso, como parte também de sua vivência juvenil, a autora inspirou-se nos acontecimentos do 25 de abril para escrever uma parte da história de Marinela, uma das personagens de maior destaque em *Valéria, Valéria*, que não será discutida neste trabalho<sup>2</sup>.

A propósito das possíveis imagens de professores que atravessam muitas narrativas de língua portuguesa, o romance de Júlia Nery, primordialmente, centra-se nas observações de uma professora de língua e literatura portuguesas (nomeada no livro apenas como “professorinha”) em torno do caderno de anotações de uma jovem de nome Valéria, aluna briosa e arguta do ensino secundário.

Queremos chamar a atenção para relação de cumplicidade estabelecida entre a professora e a aluna, pontuada, sobretudo, pelas confidências de Valéria e pelas próprias observações da professora em torno da vida da adolescente:

Se foi a carta de Valéria que me desafiou a tentar esta narrativa, será então melhor recomeçá-la a partir do momento em que, passados mais de dois anos sem ter notícias dela, eu recebi uma encomenda sua, com carimbo dos correios de Fairbanks, que eu verifiquei no atlas ser uma cidade do Alasca. A caixa continha: um livro com encadernação de carneira, tendo gravado a ouro na parte do encaixe da fechadura “Abre-te. Fecha-me”; um envelope com cartas e fotografias; um caderninho muito gasto de capa preta, que folheei, abrindo-o em leque. Havia ainda uma chave minúscula que certamente abriria o livro, o que eu não fiz imediatamente, porque achei um alívio mais imediato para a minha curiosidade ler a carta de Valéria que acompanhava a encomenda: “Professorinha. Como está a ler, não comecei com as caramelices habituais nas cartas às amigas” (NERY, 1998, p. 14).

---

<sup>2</sup> Para um estudo em torno de Marinela, ver MACHADO, Alleid Ribeiro. Expressões do feminino. Anotações para um estudo em torno das personagens femininas de Júlia Nery. In: PETROV, Petar; SOUSA, Pedro Quintino de; SAMARTIM, Roberto Lopes; FEIJÓ, Elias J. Torres.. (Org.). *Avanços em Literatura e Culturas Brasileiras. Século XX*. 1 ed. Santiago de Compostela - Faro: Através Editora, 2012, v. 2, p. 175-192.

*Valéria, Valéria* é publicado no final da década de 90 do século XX, período que também serve de pano de fundo aos acontecimentos intradieгéticos da narrativa. Tal momento histórico ainda não havia experimentado a comodidade das interações entre os sujeitos, que foram geradas pelas facilidades de comunicação, disseminadas a partir do advento da internet. Para longe das tecnologias, e de todo o movimento de globalização das ferramentas de comunicação de massa, que, pouco tempo depois, atravessariam o final desse período até abarcar completamente a nossa era, à época de *Valéria, Valéria*, ainda não era possível verificarmos os efeitos das incertezas e da instabilidade geradas e nutridas pela pós-modernidade, a penetrarem universalmente os aspectos da vida, do Estado, das práticas, das ideologias e da cultura (HOBSBAWN, 2008).

Dessa forma, na narrativa, Valéria não terá como fazer uso dos canais de bate-papo, como o MSN; nem mesmo fará uso dos correios eletrônicos, que assumiram o lugar e a vez das cartas e telegramas, ou irá desfrutar das facilidades das mensagens de celular SMS e das relações mais do que impessoais estabelecidas pelas redes sociais, para se comunicar com a sua professora. Nesse romance, de fato, será possível notarmos a experiência da troca de confidências alicerçada num gênero textual anacrônico do ponto de vista da contemporaneidade: o diário de anotações.

É por meio dele que o leitor de *Valéria, Valéria* poderá observar a confiança depositada por Valéria em sua professora, ao lhe enviar o seu caderno particular de anotações e o diário de sua mãe, com quem mantinha um relacionamento conturbado, a fim de que a professora se inspirasse para a escrita de um romance “E eu fui lendo as páginas secretas de Valéria, desde os monótonos desabafos, de uma expressão quase infantil, até aos parágrafos espriados de uma escrita já poética. Assim a veria também crescer por dentro das palavras e com ela Rui Jorge, Teco, Bernardo e outros jovens, nos enredos de suas insuspeitas aventuras” (NERY, 1998, p. 17).

Ao dar margem à ideia de que os sentimentos, no interior dos relacionamentos, devem ser construídos pelas vivências diárias e pela verve fugaz da troca, não coincidentemente, o início do romance mostra-nos que a cumplicidade entre aluna e professora era algo impensado num contexto educacional onde o paradigma predominante entre docentes e discentes era concebido, hierarquicamente, na vertical. Na verdade, o que se observará nas páginas do romance é que essa possível amizade entre a aluna e a professora deverá ser construída paulatinamente, pela convivência

diária em sala de aula e nos corredores de uma escola onde Valéria se sentia incomodada, observada, em sua pele de adolescente insegura. Como se pode observar no trecho:

A escola é um lugar terrível que só a custo consigo suportar. Logo que entro me sinto observada por milhares de olhos invisíveis; por isso muitas vezes evito o portão, entro pelo buraco da rede, mas não vale nada. Nos corredores, no pátio, na aula, eles continuam a olhar-me de alto a baixo. Na escola, uma pessoa está sempre a ser examinada. Começa logo de manhã (...) O pior é ouvir as conversinhas de corredor: uma que namora um grande pão; a fulaninha que curtiu à bessa na boíte com um amigo do pai; outra a mostrar as negras do pescoço que um larilas qualquer lhe faz com os chupões. Desafiam-me a contar. Mas o quê? E eu a esquivar-me a estas invencionices. (NERY, 1998, p. 19)

O romance traz uma discussão que vai além da história pessoal de Valéria. Alguns enunciados da narrativa sustentam a prerrogativa de que o espaço escolar é um local de conflito inclusive no que tange à relação professor-aluno. Nesse sentido, há no livro também um conteúdo ideológico em relação às questões iminentemente ligadas a uma pedagogia interacionista. Observe-se que Valéria, a aluna inadaptada, nas linhas iniciais do romance não parece estar ainda imersa no grupo social representado pela escola.

Faço hoje anos. Muito parva, a professora recitou “Já tenho treze anos, já bailo em terreiro, madrinha casai-me com Pedro gaitero”. Bem vi que ela percebeu pelos três pares de meias que me engrossavam as pernas, pela saia amarrotada, pelo ar pegajoso dos meus cabelos e o cheiro a água podre que eu não tinha dormido em casa (...). Fiz uma directa até à primeira aula. E logo tinha de ser com esta professora que lê por dentro das pessoas como se fôssemos feitos de palavras. Durante toda a aula, ela não tirou os olhos de mim (...). O pior é que agora vai querer bisbilhotar a minha vida; saber da morte do meu pai. Para abrir caminho, começou com elogios à minha escrita (...). De mim, só vai saber o que eu quiser. Pouco, nada. (NERY, 1998, p. 18-19)

A personagem procura não se inserir nesse contexto ao impedir que a professora faça uma leitura de seu mundo. Ou seja, em outras palavras, há ainda os micropoderes da instituição escolar que Valéria tenta impelir ao negligenciar-se ao olhar da professora que, em um primeiro momento, representa uma imagem de interdição do dizer e do fazer de Valéria, quando passa a tecer elogios a sua escrita. Essa prática discursiva da professora acaba por inibir a expressividade de Valéria que a vê como a prática do *voyeur* que a usa como um meio para lhe especular a vida.

Por outro lado, do ponto de vista da professora, observa-se no romance o seguinte enunciado:

Pela extravagância do vestir, ou porque dela emanava uma chispa de rebeldia que a qualquer momento nos incendiaria, a minha atenção sempre elegia Valéria em qualquer dos grupos em que ela estivesse. Não podia eu então adivinhar como a minha relação com esta rapariguinha viria a trazer-me a dádiva, cada vez mais rara, da amizade, sobretudo porque ela começou verdadeiramente por um incidente disciplinar, quando Valéria foi chamada a depor num conselho de turma (NERY, 1998, p. 76).

É justamente um “incidente” escolar que certamente poderia “manchar” a reputação de Valéria, que vai, inadvertidamente, chamar a atenção da professora de forma positiva. A tentativa de resgate da aluna dá-nos uma dica em relação à imagem de professor construída no romance. Como já aventamos algumas linhas atrás, trata-se de um professor que acredita numa relação erigida na horizontal, em que há possibilidade de reconhecimento da alteridade.

Se bem observarmos o último trecho em destaque, será possível entrever que as percepções da realidade circundante são diferentes uma da outra. Enquanto Valéria vê a professora, a partir do estereótipo do inquisidor, sua professorinha a vê sob a óptica da oportunidade. Uma oportunidade para que a relação professor-aluno ultrapassasse, no sentido de extravasar, os limites da sala de aula.

No desenrolar da narrativa, entretanto, a postura da jovem aluna mudará. Dessa forma, a resistência inicial de Valéria, dará lugar a uma relação pautada na confiança, no diálogo e na troca de experiências.

Há uma mudança paradigmática às vistas de Valéria. De uma relação antes fundamentada na dicotomia, a saber, opressor *versus* oprimido, a aluna passará a avaliar a professora de uma forma totalmente nova e diferente do que havia pensado. Assim, a professora passará a lhe representar, contrariamente à ideia estereotipada de autoridade do saber que não admite atitudes responsivas e, nem mesmo, réplicas, a imagem de uma possível “confidente”, a quem Valéria poderá confiar os seus mais íntimos segredos.

O primeiro encanto e admiração de Valéria por sua professora se fez no decorrer das aulas, quando a garota descobre que a docente faz de seu discurso, um discurso múltiplo, capaz de diversas possibilidades de embate. Aos poucos, a própria imagem estereotipada que Valéria tinha, inclusive da escola, vai sendo substituída, por um modelo diferente – um espaço passível de troca e de diálogo.

O modelo que havia construído de sua leitura preconcebida do olhar da professorinha, vai aos poucos se moldando a uma relação professor-aluno, até então, desconhecida para Valéria e que nós, como leitores, descobrimos a cada momento que invadimos o seu diário.

Nesse sentido, Júlia Nery vai construindo em *Valéria, Valéria*, um modelo de escola em que se é possível admitir a alteridade, pois *o outro* (o aluno) começa a ter alternativas para se autoconstruir como indivíduo e não apenas a ser e seguir o que determina o professor (ou aquele que detém o saber). Para além do professor detentor do dizer, do saber e da ordem, o que ficará nas páginas de *Valéria, Valéria* é a imagem de uma professora em que se é possível depositar pensamentos secretos e vivências clandestinas.

O que até agora foi discutido, fornece-nos material para notarmos que o romance *neryano*, em pauta, abre-se para uma perspectiva mais profunda em torno das relações humanas. É mais do que lugar comum a afirmação de que somos seres sociais por natureza. Vivemos em sociedade desde muito jovens, da mesma forma, vamos sendo estimulados a interagir com pessoas das mais diversificadas personalidades, crenças e origens. A escola, na óptica da narrativa, é entrevista como um microespaço onde essas experiências de vida também se configuram. A certa altura dos acontecimentos, Valéria e alguns colegas de turma são chamados a depor em uma reunião de professores do conselho escolar, em razão de uma frase ofensiva escrita na lousa durante uma aula: “Professores nossos escravos. Bem feito!” (NERY, 1998, p. 79).

“Foi uma maneira de lhes amandar um chapadão” disse Valéria, ali, diante dos professores reunidos para julgar, mas parece que nem todos acreditaram nesta interpretação; uns ficaram deprimidos, outros exaltados; talvez porque as palavras da frase “professores nossos escravos” tinham extravasado do sentido, como repetia o professor de Português. Na sua opinião, a ausência de verbo, fácil e perigosamente, transformaria tal afirmação em slogan e o presente do indicativo, implícito, dava à frase a força da atemporalidade. (NERY, 1998, p. 79).

Valéria confessou perante o conselho ter sido ela a escrevente da frase, assumindo perante os colegas a responsabilidade do caso e a consequente punição: três dias de suspensão. Em *Valéria, Valéria*, torna-se evidente algumas contradições pedagógicas em meio a todo o mosaico que caracteriza a escola. Se de um lado, há quem defenda o tradicionalismo do ensino: “e houve mesmo um professor que suspirou

saudades das antigas lambadas pedagógicas” (NERY, 1998, p. 79), há os que lutam pela construção do conhecimento, como a professorinha de Valéria.

A aluna, antes de votado o castigo, foi convidada a sair da sala, o que fez devagar, olhando os professores nos olhos, um a um: Eu, envergonhada, por saber que iríamos castigá-la pelas nossas frustrações, e por não ter sido capaz de fazer calar a tempo certos pormenores que não tinham nada a ver com a frase do quadro, mas que tinham sido trazidos ali para a humilharem, baixei os olhos e saudei-a com afabilidade para lhe mostrar que a defenderia. E foi talvez esta minha cumplicidade que começou a aproximar Valéria (NERY, 1998, p. 79).

Assim, o romance apresenta os mais inesperados resultados, principalmente no que tange às relações entre os professores e os alunos. No que se refere aos modelos que procura elencar, ao fim, o que se entrevê nas páginas do romance, para além das polarizações, é quanto os discursos sociais constroem imagens positivas e negativas do ser. Não é por menos que a professora tão querida por Valéria não tem nome, mas será passível de identificação. A sua imagem vai sendo construída por meio de sua prática em sala de aula. Assim como a de sua aluna.

Para além disso, o que se observará são descrições de cenas do cotidiano da escola, atravessadas por histórias contadas por seus alunos e professores, conflitos entre pais e filhos, namoros clandestinos, decepções amorosas, picuinhas entre amigos, protestos e rebeldias adolescentes. Ou seja, todo o tipo de situação de que a escola também é feita, embora o espaço ali seja o de transmitir conteúdos, pautados em objetivos. O romance de Júlia Nery desloca o foco para as situações cotidianas de seus alunos e de seus professores do ponto de vista afetivo e não apenas cognitivo, conforme sugerido, por exemplo, por Benjamin Bloom (2000).

Sigo devagar para as aulas. O sol outonoal, preguiçoso no acordar, anda numa roda viva a acariciar os rostos das raparigas, os ombros e as coxas, a brincar-lhes nas pontas dos tênis, iluminando as louçanas, álacres e libertas, todas dadas à manhã, circulando entre as oito e as nove, a caminho das gaiolas abertas do aprender (...). Entre a nobreza patricia dos perfis, reconheço Valéria, que deixa sua marca de já mulher no avançar ondulado das ancas. (NERY, 1998, p. 75-76).

Graças ao convívio entre a comunidade escolar, ensaiado diariamente nas salas de aula, nos corredores, nas cantinas e, no limiar, da porta para dentro e da porta para fora da escola, os alunos descritos no romance vivem situações que, ora os constroem,

ora os enaltece. Eles sofrem desilusões e são capazes de aprender com os seus erros e acertos.

Nesse romance da década de 90 verificamos a história de uma personagem que, em meio à experiência caótica de adolecer, vai tendo a oportunidade de se autoconhecer e de se sociabilizar e, em meio a esse processo, a relação de amizade com a professora foi fundamental. A professora de Valéria passou a ser, em certa medida, o seu referencial, uma espécie de professora confidente, que, com suas críticas e conselhos, conseguiu, pouco a pouco, sensibilizar Valéria para certos aspectos e comportamentos negativos que apresentava: “Amizade de menina é como enguia de ribeiro. Ou bem se deixa apanhar por inexplicáveis acasos ou é conseguida com paciência e artes de pescador. Comigo e com Valéria conjugaram-se acasos, paciência e artes, tendo eu passado nas provas de devolver com sutilezas e ironia algumas irreverências mascaradas de inocência” (NERY, 1998, p. 79). Isso só foi possível, porque a professora conquistou a confiança da aluna, numa espécie de relação pautada pelo respeito, demonstrando um sincero interesse pelo seu bem-estar.

Como se pode observar no romance, há um especial destaque para as complexas relações humanas. Fica patente na leitura da história de Valéria que, na verdade, elas funcionam como mote para a realização de mudanças em seu próprio nível comportamental. Mas acima disso, a valorização que se dá a essa interação não deixa de resvalar numa problemática de caráter moral e ético. Nesse sentido, a própria amizade travada entre a professora adulta e a aluna adolescente, poderia ter sido um pressuposto assumido pela autora.

Júlia Nery, educadora por excelência, parece resolver muito bem esse possível impasse, à medida que não entende o ensino como algo estático e unidirecional. A todo o momento, os leitores de *Valéria, Valéria* são levados pelas circunstâncias da narrativa a se lembrar de que a sala de aula não é apenas um lugar para transmitir conteúdos teóricos; mas, também, um local de aprendizado de valores e comportamentos, de aquisição de uma mentalidade participativa, que deveria possibilitar aos alunos, na melhor das hipóteses, interpretar e transformar a sociedade e a natureza em benefício do bem-estar coletivo e pessoal (SIQUEIRA, 2007). Ao assumir essa perspectiva ideológica na construção de sua narrativa, a autora faz-nos lembrar de Grisi (1971, p. 91), para quem “toda aula, em resumo, seja qual for o objetivo a que vise, e por mais claro, preciso, restrito, que este se apresente, tem sempre uma inelutável repercussão mais ou menos ampla, no comportamento e no pensamento dos alunos.”

A relação estabelecida entre a professora e a aluna, que constitui o cerne do romance, não deixa de, metaforicamente, representar também o cerne de um processo pedagógico. Assim como os leitores poderão veicular suas experiências pessoais à leitura do romance, será impossível desvincular a realidade escolar da realidade de mundo, uma vez que essa relação termina por ser uma via de mão dupla, uma vez que quem ensina também aprende e vice-versa.

Se, por um lado, o romance remete a importância da afetividade em sala de aula, ele também contribui para que se reflita numa relação professor-aluno pautada pela confiança, empatia e respeito a fim de que melhor se desenvolva a leitura, a escrita, a reflexão, a aprendizagem e a pesquisa autônoma. Voltando à questão ética suscitada pela amizade entre a aluna e a professora, obviamente, a cumplicidade com Valéria não vai interferir no cumprimento ético de seu dever de professora. Sua amizade vai ultrapassar os muros da escola, porque pelas páginas do caderno de notas da adolescente, a professora vai descobrindo uma pessoa para além da aluna. Do ponto de vista afetivo, a professora conseguiu desenvolver a recepção e a resposta, ao passo que há em Valéria disposição e satisfação em responder aos estímulos passados pela professora.

Assim, no romance, é possível verificar a valorização por parte dos sujeitos e o compromisso pela relação que se estabeleceu em sala de aula. Essa aceitação, vislumbrada pela internalização de valores fica registrada nas palavras da autora que privilegia os aspectos afetivos da educação a todo o tempo, reforçando mais uma vez que os objetivos educacionais não podem ser restritos apenas aos objetivos cognitivos, o que não quer dizer, que, em momento algum, devam ser postos em segundo plano. O que queremos elucidar na relação professor-aluno, descrita em *Valéria*, *Valéria* é que os objetivos afetivos são tão importantes quanto os cognitivos.

Para finalizar, a construção da imagem do professor nessa narrativa vem mostrar que a prática social do ensinar vai para além dos conteúdos programáticos, na medida em que a escola se torna um espaço efetivo para a troca de confidências, amizade e respeito. A amizade entre a professora e Valéria fez com que houvesse uma verdadeira troca de influências entre ambas, que nada tem a ver com uma ordem hierárquica baseada em quem sabe mais. A professora de Valéria há tempos procurava um mote para a escrita de um romance até conhecer Valéria e se apaixonar por sua história, por suas atitudes, por sua determinação, por sua suposta rebeldia, pelo seu desejo de liberdade ideológica a que defendia com unhas e dentes, e que ia para além das

fronteiras escolares. As influências foram mútuas como estrada de mão dupla. A história de Valéria foi a inspiração da professora para a escrita do romance. A maturidade e o equilíbrio da professora traduzidos em conselhos camuflados em conversas e bate-papos de finais de tarde pós-aula foram a inspiração de que Valéria precisava para perdoar a sua mãe e ter força de seguir em frente na luta pelos seus ideais.

Ao final da história, vai se dissipando completamente a nítida disparidade entre a prática impositiva docente, que pode ser representada pela concepção geral da instituição escola tradicional, com a prática interacionista escolar, em que se pretende, nos dias de hoje, ser inovadora, centrada na relação entre discente e docente. Entre a professora de Valéria e seus alunos. Fato esse que instaura uma nova ordem discursiva no contexto desse romance da década de 90 do século XX.

O livro analisado remete a uma prática pedagógica que exige um comportamento docente diferenciado, adequado a um modelo de educação que se faz horizontalmente. Somente a partir desse paradigma é que a imagem de professora confidente pode se concretizar ao longo da narrativa.

Como procuramos demonstrar, neste romance, o texto de Júlia Nery constrói-se com uma visão positiva que se emoldura na ideia de um espaço aberto para ouvir, para conhecer e para entender, como bem queria um Bakhtin ou um Foucault, na medida em que se privilegia o “embate de ideias”, para a formação de ideologia e para a constituição de sujeitos, em contrapartida aos mitos negativos associados à escola com uma imagem repressiva e autoritária.

Vale ressaltar também que Júlia Nery, especificamente neste romance, lança mão de sua própria vivência como educadora e professora do ensino secundário, de modo que, no caso de *Valéria, Valéria*, não é possível dissociar o que foi sua prática enquanto professora na escola de Cascais e a atitude da professorinha de Valéria, na fictícia escola de Lisboa. Dessa forma, um dos objetivos últimos da narrativa, é elucidar o que a autora acredita ser o papel mais acertado do professor em sala de aula.

## **Referências Bibliográficas**

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

- BLOOM, Benjamin. *Taxonomy of Educational Objectives: The Classification of Educational Goals*. p. 201-207; B. S. Bloom (Ed.) David McKay Company, Inc. (2000)
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 36 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 26 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.
- GRISI, Rafael. *Didática mínima*. 3 ed. São Paulo: Nacional, 1971.
- HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos – o breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- MACHADO, Alleid Ribeiro. *O plantador de naus a haver sob a óptica da intertextualidade*. Dissertação de mestrado. FFLCH, USP, 2006.
- \_\_\_\_\_. Expressões do feminino. Anotações para um estudo em torno das personagens femininas de Júlia Nery. In: PETROV, Petar; SOUSA, Pedro Quintino de; SAMARTIM, Roberto Lopes; FEIJÓ, Elias J. Torres (Org.). *Avanços em Literatura e Culturas Brasileiras. Século XX*. 1 ed. Santiago de Compostela. Faro: Através Editora, 2012, v. 2, p. 175-192.
- NERY, Júlia. *Na casa da língua moram as palavras*. Porto: Asa, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O plantador de naus a haver*. Porto: Asa, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Valéria, Valéria*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998.

### **Documento eletrônico**

SIQUEIRA, Denise de Cássia. *Relação professor – aluno: uma revisão crítica*. Disponível em <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-praxis-pedagogicas/RELA%C3%87%C3%83O%20PROFESSOR-ALUNO/relacao%20professor-aluno%20-%20uma%20revisao%20critica.pdf>. 2007. Acesso em 16/07/2012.